

Estudo Teórico

Questões de gênero associadas ao medo de dirigir

Gender aspects associated with fear of driving

William Macedo Fiuza¹ 
Rossane Frizzo de Godoy² 

¹Autor para correspondência. Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul). Rio Grande do Sul, Brasil. fiuzawm@gmail.com

²Universidade de Caxias do Sul (Caxias do Sul). Rio Grande do Sul, Brasil. rfgodoy@ucs.br

RESUMO | INTRODUÇÃO: O medo de dirigir é uma condição emocional que provoca significativo nível de sofrimento e limitação de possibilidades, estimando-se que ocorra predominantemente em mulheres. **OBJETIVO:** Discutir questões de gênero associadas ao medo de dirigir em mulheres. **MÉTODO:** Revisão narrativa da literatura, buscando-se integrar aspectos trazidos em publicações referentes a medo de dirigir e questões de gênero. Buscou-se como fontes livros, artigos e dissertações publicados entre 2010 e 2020, excluindo-se estudos que não correspondiam à questão norteadora de pesquisa ou que não fossem disponibilizados na íntegra. As bases de dados utilizadas foram: PsycINFO, Biblioteca Virtual em Saúde em Psicologia, portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, biblioteca pessoal dos pesquisadores e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. **RESULTADOS:** Entre os aspectos apontados na literatura que parecem contribuir para que o medo de dirigir seja mais comum e intenso em mulheres estão: papéis de gênero construídos socialmente, associação cultural de que o trânsito é um espaço masculino, percepção das mulheres de que seu desempenho como motorista está sendo constantemente avaliado, falta de estímulo por parte da família, ausência de um modelo de motorista feminino. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Questões culturais e sociais parecem estar associadas à manutenção do medo de dirigir em mulheres. Recomenda-se novos estudos com a temática para que se possa analisar diferentes percepções e vivências no trânsito relacionadas às questões de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Medo de dirigir. Medo de dirigir em mulheres. Gênero.

ABSTRACT | INTRODUCTION: Fear of driving is an emotional condition that causes a significant level of suffering, limiting possibilities, and is estimated to occur predominantly in women. **AIM:** to discuss gender aspects that are related to fear of driving in a woman. **METHOD:** narrative revision, investigating papers related to fear of driving and gender. The sources were books, articles, and dissertations published between 2010 and 2020, excluding studies that did not correspond to the guiding research question or that were not fully available. The databases used were: PsycINFO, BVS-PSI, Journal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel, the personal library of the authors, and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations. **RESULTS:** The aspects indicate on the literature that may contribute to the driving fear being most usual and intense in a woman is: social gender roles, a cultural association that traffic is a male space, woman's perception about their performance being always evaluated, absence of encouragement from the family and no woman as a driver model. **FINAL CONSIDERATIONS:** Cultural and social aspects may be related to the conservation of driving fear in a woman. It is suggested a further study to analyses different perceptions and experiences in traffic related to gender aspects.

KEYWORDS: Fear of driving. Fear of driving in woman. Gender.

Introdução

O trânsito é perpassado por diferentes fenômenos psicológicos e comportamentais que merecem atenção, uma vez que impactam a vida em sociedade e diariamente expressam diferentes formas de interação e conflitos (Cruz et al., 2017). Em alguns contextos e culturas, dirigir é considerada uma atividade percebida como essencial para a vida adulta contemporânea, contribuindo para a independência, autonomia e mobilidade, facilitando a participação nas atividades cotidianas (Borloti et al., 2018).

No entanto, estima-se que dois milhões de brasileiros apresentam medo de dirigir, condição psicológica que limita as possibilidades do indivíduo e pode trazer prejuízos para sua vida laboral e social, gerando sofrimento e afetando a autoestima e qualidade de vida (Hempel et al., 2017; Siqueira, 2015). Cabe ressaltar que um número expressivo de pessoas com a carteira nacional de habilitação (CNH) apresenta medo de dirigir, mesmo sem ter vivenciado alguma experiência negativa no trânsito, como um acidente (Taylor & Deane, 2000; Cantini et al., 2013). O medo de dirigir pode ocorrer em diversos níveis, sendo expresso na relutância em estar na direção ou, em situações mais severas, evitando totalmente estar em um veículo – enquanto motorista ou não (Mognon et al., 2017). Em casos que se percebe um nível elevado de ansiedade, evitação exacerbada e limitações significativas, o medo de dirigir pode ser caracterizado como uma fobia específica (APA, 2014).

Apesar do medo intenso e da evitação desencadeada por ele, percebe-se grande interesse por parte das pessoas com medo de dirigir em retomar a atividade e buscar alternativas para aprender a lidar com a direção (Barp & Mahl, 2013). Compreender as questões relacionadas ao medo de dirigir é essencial para que sejam pensadas intervenções eficazes para esse público (Fischer et al., 2019; Mognon et al., 2017).

Estima-se que 85% das pessoas com medo de dirigir sejam mulheres (Barp & Mahl, 2013; Costa et al., 2018; Taylor et al., 2011). Em uma pesquisa com brasileiras, foi identificado que o grupo de mulheres sem medo de dirigir apresentou maior qualidade de vida em relação às mulheres com medo de dirigir (Costa et al., 2014). Muitas das mulheres com medo de dirigir possuem acesso a carros para praticar a direção (Gracindo, 2018) e, mesmo após experiências dirigindo, a ansiedade frente ao volante pode permanecer (Marín, 2017). Isso denota que o medo de dirigir pode estar atrelado a questões emocionais não diretamente ligadas ao trânsito e ao ato de dirigir em si (Mognon et al., 2017).

Guahyba et al. (2019) destacam que diversas condições psicológicas estão associadas a papéis culturalmente construídos para cada gênero que se perpetuam em diferentes contextos da vida do sujeito. Nesse sentido, as mulheres estão mais vulneráveis do que os homens a determinadas problemáticas (Maji & Dixit, 2019). Entre essas, alguns exemplos são a dificuldade de conciliação entre trabalho e família devido a não divisão das tarefas domésticas (Öun, 2012), os relacionamentos abusivos (Cardoso et al., 2019), violência psicológica (Jesus & Lima, 2018) e a pressão social acerca da estética e do próprio corpo (Hessel & Furtado, 2019).

Desse modo, é primordial que a psicologia possa pensar os aspectos sociais que estão atribuídos a cada gênero, nos diferentes contextos culturais e históricos. Isso possibilita ter um olhar para os processos que essas relações desencadeiam, especialmente para as mulheres, as quais frequentemente são vítimas de diversas condições emocionais que estão atreladas a essas construções sociais e culturais (Santos & Martins, 2020)¹.

¹ Entre os objetivos propostos pela Organização das Nações Unidas está a promoção de condições igualitárias para as mulheres perante a sociedade, assegurando sua autonomia em todos os níveis (<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods5/>).

Com base no cenário apresentado, estão organizadas contribuições para um aprofundamento científico dessa temática, destacando-se sua relevância social e preocupação coletiva na medida em que todas as pessoas circulam diariamente pelo trânsito e compartilham esse espaço de interação (Marín, 2012). Cabe salientar que estudos divulgados sobre medo de dirigir no Brasil são relativamente recentes, publicados a partir do ano de 2013. A literatura destaca a necessidade de se discutir a temática, pensando e divulgando intervenções eficazes, especialmente porque o público com medo de dirigir tende a ser resistente à procura de tratamento (Mognon et al., 2017).

Dessa forma, o presente estudo buscou discutir questões de gênero associadas ao medo de dirigir em mulheres.

Método

O objetivo da pesquisa foi discutir questões de gênero associadas ao medo de dirigir em mulheres, por meio de um delineamento qualitativo-exploratório. Foi realizada uma revisão narrativa da literatura, a qual permite explorar pontos diversos elucidados em produções de determinado tema, propondo uma síntese das informações abordadas (Hohendorff, 2014).

As fontes utilizadas foram livros, artigos, teses e dissertações publicadas entre 2010 e o primeiro semestre de 2020, sendo utilizadas três referências publicadas com data anterior à definida devido à sua relevância para o presente artigo. Além da biblioteca pessoal dos pesquisadores, as bases de dados utilizadas foram a biblioteca digital brasileira de teses e dissertações, a PsycINFO, a Biblioteca Virtual em Saúde em Psicologia (BVS-PSI), que hospeda outras bases de dados como o Lilacs e o Science Direct, e o portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que hospeda o PUB-med. Foram utilizados os seguintes descritores: medo de dirigir, fobia de dirigir, mulheres com medo de dirigir, questões de gênero no dirigir e violência de gênero e seus equivalentes em língua inglesa e espanhola. Foram excluídos estudos que não respondiam à questão norteadora da pesquisa ou que não disponibilizassem o material na íntegra.

Foi realizada a leitura dos resumos das produções encontradas, selecionando para a leitura na íntegra as produções com contribuições relevantes ao objetivo deste estudo. As informações pertinentes de cada material foram organizadas em uma ficha de catalogação. Por fim, buscou-se integrar o conteúdo explanado de forma a abordar pontos que auxiliassem na discussão das questões de gênero associadas ao medo de dirigir em mulheres.

Resultados e Discussão

Foram utilizados 22 artigos, quatro capítulos de livro, dois livros e duas dissertações. Para abordar aspectos referentes ao medo de dirigir, as produções foram 14 artigos (Barnard & Chapman, 2016; Barp & Mahl, 2013; Borloti et al., 2018; Cantini et al., 2013; Costa et al., 2014; Costa et al., 2018; Fischer et al., 2019; Haydu et al., 2014; Hempel et al., 2017; Marín, 2012; Siqueira, 2015; Taylor, 2018; Taylor & Deane, 2000; Taylor et al., 2011), três capítulos de livro (Barbosa et al., 2008; Davis & Craske, 2020; Dixon & Rehfeldt, 2020), uma dissertação (Gracindo, 2018) e um livro (Bellina, 2012).

Quanto às questões de gênero, foram utilizados sete artigos (Brandão et al., 2020; Gomes et al., 2007; Hessel & Furtado, 2019; Jesus & Lima, 2017; Maji & Dixit, 2019; Picancio et al. 2020; Santos & Martins, 2020), uma dissertação (Côrrea, 2019) e um capítulo de livro (Cardoso et al., 2019).

Apenas um dos artigos localizados aborda questões de gênero no trânsito (Geldstein et al., 2011), integrando os dois tópicos propostos nesta revisão. Embora as pesquisas sobre medo de dirigir reconheçam os aspectos relacionados ao gênero envolvidos na temática, não houve aprofundamento nessa questão nos estudos encontrados. Isso pode indicar a necessidade de mais estudos na área que visem compreender as questões de gênero presentes no trânsito, especialmente no que se refere ao medo de dirigir. Desse modo, foi realizada uma integração das produções selecionadas, articulando os estudos acerca do medo de dirigir e as produções sobre gênero, buscando discutir a temática proposta para esse artigo.

Ao longo da história, existiram diversas formas de invalidação da mulher. Nas artes visuais e literatura, por exemplo, a representação feminina foi baseada por muito tempo na sexualização do seu corpo, excluindo-se outros elementos de sua subjetividade como intelecto e poder de decisão (Picancio et al., 2020).

Por meio de diversos movimentos sociais, houve avanços nas conquistas estabelecidas pelas mulheres. Dentre eles, podemos citar a entrada no mercado de trabalho, a lei do divórcio e a pílula anticoncepcional. Assim, a mulher vem ganhando espaço em papéis que antes eram tidos como exclusivamente masculinos (Côrrea, 2019).

Porém, ainda é possível notar a perpetuação de representações discursivas que limitam os espaços da mulher (Picancio et al., 2020). Isso acontece em diversas manifestações culturais, como músicas, filmes e novelas. De modo geral, é reforçada a ideia de que as mulheres são – e precisam ser – submissas e excluídas de decisões, tendo seu papel atrelado ao servir por meio da sexualidade e das tarefas domésticas (Cardoso et al., 2019). A mídia coloca essa figura de mulher em uma posição de valorização, de forma que esse papel acaba sendo desejado pelos homens e idealizado pelas mulheres (Hessel & Furtado, 2019).

Desse modo, as mulheres possuem uma tendência e vulnerabilidade maior do que os homens para diversas questões psicossociais. Os transtornos de ansiedade e fobia específica, por exemplo, têm uma proporção aproximada de duas mulheres por um homem. Comumente, o medo de dirigir é caracterizado como uma fobia específica, na qual um determinado estímulo pode acionar um nível desproporcional de ansiedade intensa e persistente, gerando evitação e nível significativo de sofrimento (APA, 2014). Esse estímulo pode ser uma situação (estar no trânsito), um objeto (carro) ou atividade (dirigir) (Barbosa et al., 2008)². Mais importante do que o termo utilizado, é o entendimento de como essa condição emocional é vivenciada pelo sujeito, já que pode ter muitas especificidades (Barbosa et al., 2008).

O medo de dirigir apresenta questões semelhantes a diversos transtornos de ansiedade, podendo estar associado a quadros de fobia social, transtorno do pânico, transtorno obsessivo-compulsivo e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Barbosa et al., 2008).

Inicialmente, as pesquisas sobre medo de dirigir focaram em situações de TEPT devido a acidente de trânsito (Taylor & Deane, 2000). No entanto, mesmo sem passar pela vivência de um acidente, um número significativo de pessoas apresenta medo de dirigir (Cantini et al., 2013). Nesses casos, o indivíduo pode ficar desassistido, já que o medo é invalidado socialmente e a pessoa não recebe o mesmo suporte (atendimento médico, recomendações do seguro) que aqueles que passaram por acidente (Taylor & Deane, 2000).

O medo de dirigir é uma das condições psicológicas que apresenta um público predominante feminino (Barp & Mahl, 2013; Costa et al., 2018; Taylor et al., 2011). Muitas dessas mulheres desejam retomar a direção, buscando se sentir seguras no trânsito e no papel de motorista. Os motivos atrelados a esse desejo são diversos e vão desde tarefas rotineiras, como mobilidade e facilitar o cuidado de familiares, a questões de autoestima relacionadas a autonomia e independência (Cantini et al., 2013; Gracindo, 2018). O papel de “cuidadora” é, muitas vezes, atrelado ao feminino, ao passo que a busca pela autonomia e independência são aspectos presentes na mulher contemporânea (Côrrea, 2019).

Assim, estudos têm priorizado estudar o medo de dirigir com amostras compostas em sua totalidade por mulheres (Barp & Mahl, 2013; Costa et al., 2014; Siqueira, 2015). No entanto, existem diversas pesquisas em que, apesar da participação ser aberta para ambos os sexos, a predominância na amostra foi feminina, como elucidado na Tabela 1.

² A fobia de dirigir também pode ser denominada como amaxofobia (Barp & Mahl, 2013).

Tabela 1. Predominância feminina em estudos sobre o medo de dirigir

Publicação	Participantes	Participação feminina	Objetivo da pesquisa
Barnard & Chapman (2016)	57 motoristas	41 mulheres	Investigar os efeitos da ansiedade no comportamento de motoristas
Borloti et al. (2018)	seis pessoas	quatro mulheres	Avaliar os efeitos de um programa de intervenção no medo de dirigir
Cantini et al. (2013)	93 pessoas	83 mulheres	Descrever o perfil de pessoas habilitadas que buscaram por treinamento para motoristas
Gracindo (2018)	1.640 prontuários de pessoas com medo de dirigir	1531 mulheres	Levantar o perfil sociodemográfico e clínico geral de quem procura ajuda para a fobia de dirigir

Fonte: Portal de Periódicos da CAPES (2010-2020).

Além dos estudos apresentados na Tabela 1, cabe destacar também a publicação de Taylor e Deane (2000) que foi referência para diversas outras pesquisas. Dos 190 participantes da pesquisa, 175 eram mulheres. Ademais, em pesquisas como as de Marín (2012) e Taylor et al. (2011), foi possível observar que o nível de ansiedade apresentado no trânsito foi mais elevado nas mulheres.

De acordo com Geldstein et al. (2011), o trânsito permanece sendo culturalmente associado ao universo masculino. Isso pode gerar violência verbal e simbólica para a mulher que exerce o papel de motorista. Assim, as expressões de conflito e tensão presentes nesse contexto podem ser ainda mais estressoras para as mulheres que, sem se dar conta, tentam corresponder a papéis simbólicos que foram socialmente aprendidos (Maji & Dixit, 2019). No comportamento de dirigir, isso pode ser expresso no discurso das próprias mulheres, que – reforçadas também pela percepção de muitos homens – podem não se sentir autorizadas ou aptas a assumir o papel de motorista (Geldstein et al., 2011).

A ansiedade referente ao próprio desempenho é um aspecto relevante no medo de dirigir e o diferencia de outros tipos de fobia em que o fator *performance* não está inserido, como, por exemplo, usar elevador, viajar de avião e estar na presença de determinados animais (Taylor, 2018). Desse modo, é comum que a pessoa com medo de dirigir preocupe-se com a possibilidade de provocar um acidente de trânsito ou gerar prejuízos para os demais, não dominar os comandos do carro, entre outros receios acerca da própria habilidade no volante (Borloti et al., 2018).

No entanto, muitas preocupações referentes ao trânsito são associadas a aspectos sociais. Isso acontece devido ao fato de que a direção pode ser considerada uma atividade de interação social (Bellina, 2012). O receio de ser avaliada por terceiros, receber críticas e ter seus erros percebidos pelos demais são alguns dos pensamentos em mulheres com medo de dirigir (Borloti et al., 2018). Por esse motivo, dirigir acompanhada pode ser visto como um problema (Barp & Mahl, 2013).

Essa dinâmica pode estar indicando o fato de que a autonomia da mulher, muitas vezes, permanece dependente de uma validação externa, seja de um indivíduo, da Lei ou do Estado. Isso colabora para que se perpetuem diversas barreiras na emancipação feminina (Côrrea, 2019).

Ao assumir papéis de liderança, por exemplo, muitas mulheres possuem dificuldade em lidar com percepções estereotipadas sobre o gênero, percebendo mudanças nas relações interpessoais e passando por um processo de transição para poder assumir a nova função (Brandão et al., 2020). Portanto, a preocupação da mulher em não cometer erros na direção e o sentimento de ter seu desempenho constantemente avaliado, possivelmente estão atrelados a busca de ser “autorizada” a pertencer ao espaço do trânsito e transpor a associação cultural de que dirigir é uma atividade masculina, como se a mulher não pertencesse a esse espaço (Geldstein et al., 2011).

Essa mesma associação colabora também para que os homens sejam mais estimulados a desenvolver e naturalizar o papel de motorista (Geldstein et al., 2011), o que favorece a eles o processo de habituação. Por habituação, entende-se o fenômeno de estar exposto gradativamente a um estímulo, permitindo que o indivíduo se sinta mais confortável em determinada situação (Dixon & Rehfeldt, 2020). Alguns exemplos de como a habituação acontece com os homens são as brincadeiras na infância, envolvimento com automóveis, incentivos de figuras importantes e oportunidades de dirigir mesmo sem possuir habilitação legal para tal.

Quando esse processo não acontece, é comum que exista uma resposta de ansiedade, já que o indivíduo não teve contato com aquela atividade. Sem a oportunidade de se aproximar daquele contexto, a tendência é que a ansiedade se perpetue, mesmo que não seja necessária (Costa et al., 2018). Além disso, quanto mais distante o sujeito está do trânsito, menor será a possibilidade de desenvolver aspectos importantes enquanto motorista, como por exemplo, noção de espaço e capacidade de manobrar. Quanto menos apta a pessoa se percebe, mais intensa será sua ansiedade frente ao volante (Cantini et al., 2013).

Esse fator se mostra importante para a compreensão do medo de dirigir em mulheres, visto que a exposição gradual para desenvolver a direção é um dos principais pilares do tratamento para o medo de dirigir e diversas pesquisas buscaram compreender esse processo (Barp & Mahl, 2013; Borloti et al., 2018; Costa et al., 2018; Davis & Craske, 2020; Haydu et al., 2014). Embora não seja um fator causal, alguns estudos têm mostrado que quanto maior a idade com que o indivíduo começou a praticar a direção, maior o nível de ansiedade apresentado nessa atividade (Marín, 2012; Taylor, 2018).

Dentro dessa lógica, é possível questionar se as mulheres têm recebido apoio e estímulo para o seu desenvolvimento enquanto motoristas, visto que muitas mulheres com medo de dirigir possuem acesso a carros para praticar e, apesar disso, não dirigem (Gracindo, 2018). Não ter incentivo da família é um forte fator de risco para o desenvolvimento do medo de dirigir (Cantini et al., 2013), enquanto que a desistência de praticar a direção pode estar associada à pressão social de companheiro e familiares (Barp & Mahl, 2013). Desse modo, a compreensão e incentivo de figuras significativas são aspectos importantes nos comportamentos relacionados à direção (Barnard & Chapman, 2018).

O não incentivo para o desenvolvimento da mulher enquanto motorista pode estar associado a reprodução de dinâmicas familiares que se perpetuam de modo intergeracional (Santos & Martins, 2020). Pode-se citar a pesquisa de Gracindo (2018), na qual foi investigado modelos parentais no que se refere ao ato de dirigir. Foi identificado que 81,2% das pessoas com medo de dirigir na pesquisa possuíam mães que não dirigiam. Desse modo, a pesquisadora conclui que, para as mulheres, a falta de um modelo feminino que dirija pode colaborar na construção da ideia de que dirigir é um comportamento exclusivamente masculino.

O impedimento da direção por parte do marido está entre os fatores elencados para a falta de um modelo feminino motorista na família (Gracindo, 2018). Ao longo da história, a figura paterna deteve o papel de autoridade na família. Essa relação de poder pode comprometer o desenvolvimento da autonomia de mulheres em diferentes áreas (Brandão et al., 2020; Côrrea, 2019). Em maior grau, pode resultar em diversas formas de restrição e violência contra a mulher dentro e fora do ambiente familiar (Cardoso et al., 2019; Jesus & Lima, 2017).

A possibilidade de ser violentada, inclusive, é um dos aspectos que pode contribuir para que as mulheres não dirijam à noite, o que aumenta a evitação do dirigir e pode reforçar a ansiedade vivenciada frente ao volante (Costa et al., 2014). Assim, as implicações da violência contra a mulher presentes em nossa estrutura social vão além das consequências diretas desta, representando mais uma forma de restrição e impedimento para a autonomia das mulheres (Santos & Martins, 2020).

Apesar dos prejuízos expostos e suas influências no medo de dirigir em mulheres, é importante pensar nas problemáticas que as questões de gênero também podem trazer aos homens. Enquanto os estereótipos relacionados à mulher se referem a uma figura de submissão, aos homens “cabe” a necessidade de demonstrar força, evitando a demonstração de sentimentos que não sejam a raiva - já que essa é associada ao poder (Cardoso et al., 2019). Assim, os homens muitas vezes se encontram em situações de violência, competição e risco no trânsito, justamente pela ideia de que sua masculinidade está associada com a forma de se relacionar nesse contexto (Geldstein et al., 2011).

Enquanto as mulheres possuem maior tendência de reconhecer sintomas de ansiedade e descrevê-los, o que favorece a oferta de serviços (APA, 2014), os homens demonstram maior resistência de sinalizar dificuldades ou pedir ajuda nas mais diversas demandas e áreas da saúde. Paradoxalmente, a busca pela imagem de seres “invulneráveis e fortes” acaba, justamente, colocando os homens em uma posição de vulnerabilidade. Isso porque, quanto menos um indivíduo sinaliza a necessidade de ajuda, menos poderá ser auxiliado, além de que poderá acumular demandas que não foram atendidas (Gomes et al., 2007).

A resistência em pedir ajuda pode ficar ainda mais evidente quando a temática envolve a dificuldade em dirigir, atividade – como dito acima – entendida socialmente como inerente ao homem (Geldstein et al., 2011). Diante do exposto, é possível hipotetizar que existem homens com medo de dirigir que não estão presentes nas estimativas desse público, justamente pela não aceitação do medo e o estigma social, levando-os a não participar de pesquisas e intervenções nessa área.

Dessa forma, compreende-se que aspectos sociais colaboram para que o medo de dirigir seja mais presente e intenso em mulheres. Santos e Martins (2020), assim como Jesus e Lima (2018), sinalizam a importância da psicologia se aproximar de estudos que levem em consideração os aspectos de gênero envolvidos em determinado contexto, especialmente no que se refere às construções sociais e culturais associadas a isso. Segundo os autores, reconhecer essas influências é primordial para que elas sejam repensadas e enfrentadas de modo eficaz.

Considerações Finais

O estudo teve como objetivo articular produções que elucidassem questões de gênero relacionadas ao medo de dirigir em mulheres. Entre os aspectos identificados na literatura que parecem contribuir para que o medo de dirigir seja mais comum em mulheres estão: papéis de gênero construídos socialmente, associação cultural de que o trânsito é um espaço masculino, percepção das mulheres de que seu desempenho de motorista está sendo constantemente avaliado por terceiros, falta de estímulo por parte da família, ausência de um modelo de motorista feminino, reprodução da dinâmica de autoridade do homem. Ao mesmo tempo que os homens são mais estimulados a desenvolver o papel de motorista, podem se sentir inibidos de expressar dificuldades nessa área.

Sendo assim, diversas questões culturais e sociais parecem estar associadas a manutenção do medo de dirigir em mulheres, bem como, a predominância feminina nesta condição psicológica. Dessa forma, compreender os aspectos relacionados com o medo de dirigir em mulheres é uma demanda relevante para a comunidade científica no que diz respeito à discussão de dinâmicas da sociedade, bem como, na formulação de tratamentos eficazes para esse público.

Cabe destacar que foi encontrado apenas um artigo que discutiu diretamente questões de gênero no trânsito e este não foi produzido no Brasil (Geldstein et al., 2011), o que pode indicar a necessidade de mais estudos brasileiros com essa temática. Além disso, as produções sobre medo de dirigir – embora ressaltem a maior presença desta condição psicológica no público feminino, não discutem as implicações e questões que podem estar associadas a isso.

O presente artigo não pretendeu esgotar o assunto, tendo como limitação o recorte de estudos escolhidos para análise. É importante destacar que não só a condição de mulher deve ser levada em conta para o entendimento de determinadas situações psicológicas. Raça, classe, idade, religião e outros fatores são aspectos importantes de serem considerados, já que o contexto em que a mulher está inserida deve ser visto como um todo e gera influência em suas vivências (Picancio et al., 2020; Santos & Martins, 2020).

O ato de dirigir pode estar atrelado a autonomia e independência, de modo que a busca das mulheres por esses aspectos denota um importante aspecto a ser considerado pela literatura. Recomenda-se novos estudos com a temática, com populações, de homens e mulheres, que permitam analisar diferentes percepções e vivências no trânsito, especialmente no que diz respeito ao medo de dirigir e questões de gênero associadas.

Contribuições dos autores

Godoy RF participou da concepção, delineamento, interpretação dos resultados, redação do artigo científico. Fiuza WM participou da concepção, delineamento, coleta de dados da pesquisa, interpretação dos resultados, redação do artigo científico.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Referências

- APA - American Psychiatric Association (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5a. Ed.; M.I.C. Nascimento, Trad.). Artmed. (Trabalho original publicado em 2013).
- Barbosa, M.E, Santos, M., & Wainer, R. (2008). Terapia cognitivo-comportamental e medo de dirigir. In N. M. Piccoloto, R. Wainer, & L. B. Piccoloto (Orgs), *Tópicos especiais em terapia cognitivo-comportamental* (pp. 141- 160). Casa do Psicólogo.
- Barnard, M. P., & Chapman, P. (2018). The effects of instruction and environmental demand on state anxiety, driving performance and autonomic activity: Are ego-threatening manipulations effective? *Transportation research part F*, 55,123-135. <https://doi.org/10.1016/j.trf.2018.02.040>
- Barp, M., & Mahl, A. C. (2013). Amaxofobia: um estudo sobre as causas do medo de dirigir. *Unoesc & Ciência – ACBS, Joaçaba*, 4(1), 39-48. <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/acbs/article/view/2627>
- Bellina, C. (2012). *Dirigir sem medo* (3a. Ed.). Casa do Psicólogo.
- Borloti, E., Santos, A., & Haydu, V. B. (2018). Terapia com exposição à realidade virtual e avaliação funcional para fobia de dirigir: um programa de intervenção. *Avances em Psicología Latinoamericana*, 36(2), 235-251. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5329>
- Brandão, C., Santos, F., & Peres, S. (2020). Processo de transição para uma posição de liderança: um estudo com mulheres. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(1), 9-23. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5329>
- Cantini, J. A., Ribeiro, L., Andrade, S. M. H. P., Pereira, V. M., Nardi, A. E., & Silva, A. C. (2013). Medo e evitação na direção de veículos: características de motoristas que nunca dirigiram após obtenção da Carteira Nacional de Habilitação. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 62(2), 124-130. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852013000200005>
- Cardoso, B. L. A., Bertho, M. A. C., & Paim, K. (2019). Até que a morte nos separe: a contribuição da cultura para a manutenção de esquemas iniciais desadaptativos em relacionamentos abusivos. In Paim, K., & Cardoso, B. L. A (Orgs.), *Terapia do esquema para casais* (pp. 144-163). Artmed.
- Côrrea, L. M. S. (2019). *Emancipação feminina na sociedade contemporânea: reflexões sobre o papel formativo da mulher na família* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás]. <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9454>
- Costa, R. T., Carvalho, M. R., Cantini, J., Freire, R. C. R., & Nardi, A. E. (2014). Demographics, clinical characteristics and quality of life of Brazilian women with driving phobia. *Comprehensive psychiatry*, 55(2), 374-379. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2013.08.003>
- Costa, R. T., Carvalho, M. R., Ribeiro, P., & Nardi, A. E. (2018). Virtual reality exposure therapy for fear of driving: analysis of clinical characteristics, physiological response, and sense of presence. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 40, 192-199. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2270>
- Cruz, R. M., Wit, P. A. J. M., & Souza, C. Z. (2017). *Manual de psicologia do trânsito*. Nila Press.
- Davis, C. D., & Craske, M. G. (2020). Estratégias de exposição. In S. C. Hayes, & S. G. Hoffmann (Orgs.). *Terapia cognitivo-comportamental baseada em processos: ciência e competências clínicas* (pp. 225-234). (1ª. Ed.; S. M. M. Rosa, Trad.). Artmed. (Trabalho original publicado em 2018)
- Dixon, M. R., & Rehfeldt, R. A. R. (2020). Processos comportamentais básicos. In S.C. Hayes & S.G. Hoffmann (Orgs.). *Terapia cognitivo-comportamental baseada em processos: ciência e competências clínicas* (pp. 81-94). (1ª. Ed.; S. M. M. Rosa, Trad.). Artmed. (Trabalho original publicado em 2018)

- Fischer, C., Heider, J., Schröder, A., & Taylor, J. E. (2019). "Help! I'm afraid of driving!" Review of driving fear and its treatment. *Cognitive Therapy and Research*, 44(1), 420-444. <https://doi.org/10.1007/s10608-019-10054-7>
- Geldstein, R. N., Leo, P. F. D., & Margarido, S. R. (2011). Gênero, violência y riesgo en el tránsito. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 21(2), 695-720. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312011000200019>
- Gomes, R., Nascimento, E. F., & Araújo, F. C. (2007). Por que os homens buscam menos os serviços de saúde do que as mulheres? As explicações de homens com baixa escolaridade e homens com ensino superior. *Caderno de Saúde Pública*, 23(3), 565-574. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000300015>
- Gracindo, C. B. (2018). *Fobia de dirigir: descrição do perfil epidemiológico de quem procura ajuda e de quem é malsucedido no tratamento* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo]. <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-03012018-115730/pt-br.php>
- Guahyba, B. L., Scheeren, P., & Falceito, O. (2019). Feminismo na terapia familiar. *Pensando Famílias*, 23(1), 213-224. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100016
- Hessel, B. R. C. B. A., & Furtado, I. M. C. G. (2019). A influência do padrão de magreza para a mulher na contemporaneidade. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 8(1), 75-85. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v8i1.2098>
- Haydu, V. B., Fornazari, S. A., Borloti, E., & Haydu, N. B. (2014). Facetas da exposição in vivo e por realidade virtual na intervenção psicológica no medo de dirigir. *Psico*, 45(2), 136-146. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.2.11442>
- Hempel, M. E., Taylor, J. E., Connolly, M. J., Alpass, F. M., & Stephens, C.V. (2017). Scared behind the wheel: what impact does driving anxiety have on the health and well-being of young older adults? *International Psychogeriatrics*, 29(6), 1027-1034. <https://doi.org/10.1017/S1041610216002271>
- Hohendorff, J. V. (2014). Como escrever um artigo de revisão de literatura. In Koller, S.H., Couto, M. C. P. P., & Hohendorff, J. V. (Orgs.), *Manual de produção científica* (pp. 39-54). Penso Editora Ltda.
- Jesus, G. B., & Lima, T.C. (2018). Mulher vítima de violência psicológica: contribuições clínicas da terapia cognitivo-comportamental. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 7(1), 114-119. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1640>
- Maji, S., & Dixit, S. (2019). Self-silencing and women's health: a review. *International Journal of Social Psychiatry*, 65(1), 3-13. <https://doi.org/10.1177/0020764018814271>
- Marín, S. S. (2012). Evaluación del miedo a conducir o amaxofobia en pre-condutores. *Securitas Vialis*, 3(2), 53-62. <https://doi.org/10.1007/s12615-012-9040-5>
- Marín, S. S. (2017). Evaluación de la eficacia de un programa diseñado para vencer el miedo a conducir o amaxofobia. *Securitas Vialis*, 9, 35-40. <https://doi.org/10.1007/s12615-016-9092-z>
- Mognon, J. F., Santos, A. A. A., & Martins, S.C. (2017). Avaliação e intervenção para o medo e fobia de dirigir: revisão da literatura. *Contextos Clínicos*, 10(1), 86-98. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2017.101.07>
- Öun, I. (2012). Work-family conflict in the Nordic countries: A comparative analysis. *Journal of Comparative Family Studies*, 43(2), 165-184. <http://dx.doi.org/10.3138/jcfs.43.2.165>
- Picancio, G. V., Santos, R. J., & Boone, S. (2020). Do animal imoral à total invisibilidade: a representação da mulher negra nas artes visuais e na literatura brasileiras. *Conexão - Comunicação e Cultura*, 18(35), 99-117. <http://dx.doi.org/10.18226/21782687.v18.n35.05>
- Santos, C. M., & Martins, D. M. B. (2020). Olhares da psicologia acerca das violências contra as mulheres: incursões sob a perspectiva de gênero. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, 9(1), 103-115. <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v9i1.2571>
- Siqueira, V. R. (2015). Agindo sobre o medo de dirigir: um tratamento ao medo de dirigir. *Revista de Educação*, 18(24), 10-15. <https://revista.pgsskroton.com/index.php/educ/article/view/3342>
- Taylor, J. E., Alpass, F., Stephens, C., & Towers, A. (2011). Driving anxiety and fear in young older adults in New Zealand. *Age and ageing*, 40(1), 62-66. <http://dx.doi.org/10.1093/ageing/afq154>
- Taylor, J., & Deane, F. P. (2000). Comparison and Characteristics of Motor Vehicle Accident (MVA) and Non-MVA Driving Fears. *Journal of Anxiety Disorders*, 14(3), 281-298. [http://dx.doi.org/10.1016/s0887-6185\(99\)00040-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0887-6185(99)00040-7)
- Taylor, J. E., & Parki, D. (2008). Wanna drive? Driving anxiety and fear in a new zealand community and sample. New Zealand. *Journal of Psychology*, 37(2), 31-37. https://www.researchgate.net/publication/286885242_Wanna_drive_Driving_anxiety_and_fear_in_a_New_Zealand_community_sample
- Taylor, J. E. (2018). The extent and characteristics of driving anxiety. *Transportation Research Part F Traffic Psychology and Behaviour*, 58, 70-79. <http://dx.doi.org/10.1016/j.trf.2018.05.031>